



TOLSTÓI, Liev. **Uma confissão**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017. 128 p. ISBN 978-85-433-0183-9.

Claudia Danielle de Andrade Ritz*

O escritor russo Liev Nikoláievitch Tolstói (1828-1910), pelo volume e qualidade de sua obra, pode certamente ser considerado um dos maiores escritores de todos os tempos. Produziu mais de cinquenta textos ficcionais, dentre romances, novelas e contos, e outro tanto de textos não ficcionais, boa parte deles versando sobre temáticas religiosas. Dentre as obras de ficção mais conhecidas, e traduzidas em diversos idiomas, pode-se destacar a novela *A morte de Ivan Ilitch* (1886) e os romances *Anna Karenina* (1877) e *Guerra e Paz* (1869), obras de ficção realista, transformadas em filmes, e talvez as mais conhecidas. Dentre as obras não ficcionais, pode-se eleger *Uma confissão*, escrita em 1879, quando, na maturidade de seus cinquenta anos, Tolstói relata sua intensa crise de fé e de sentido da vida.

A obra *Uma confissão* – que aqui resenhamos – foi publicada na Rússia em 1906, quase trinta anos depois de escrita. A tradução para o português, de 2017, é de Rubens Figueiredo. Na obra, Tolstói relata por meio de uma confissão sua busca por respostas às perguntas existenciais que o acompanham, em especial sobre o sentido da vida. Embora tivesse se casado com uma esposa dedicada, tido filhos, uma boa condição financeira e fosse parte da elite intelectual da Rússia, reiteradamente se percebe acometido por ideias de suicídio. Tais conflitos humanos são notados em outros clássicos do autor, anteriores e posteriores à obra em tela,

Resenha recebida em 02 de agosto de 2018 e aprovada em 22 de outubro de 2018.

* Mestra em Ciências da Religião no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. Bacharel em Direito.
País de origem: Brasil. E-mail: adv.claudia@yahoo.com.br

por meio dos dilemas dos personagens. Em 1901 foi excomungado pela Igreja Ortodoxa, castigo que jamais lhe foi retirado.

Liev Tolstói foi batizado na Igreja Ortodoxa Cristã, mas na juventude percebeu que não acreditava na doutrina que havia aprendido a confiar, ocorrendo sua “deserção da fé” (p. 16). Destaca, no entanto, que com toda alma desejava ser moralmente bom; mas como resposta recebia zombaria e desprezo dos outros, pelo que cedeu às paixões sórdidas, as quais eram valorizadas pelos demais. Tomou por missão o ensino, a ânsia por escrever, falar e publicar, na maior velocidade e quantidade possível, como sendo um bem para a humanidade. Paradoxalmente, pondera que não sabia sequer responder uma questão da vida: o que é bom e ruim.

Focado em viver do melhor modo possível para si e para a família, Liev Tolstói percebe que não sabe como viver, sendo tomado por momentos de perplexidade que se repetiam com maior frequência e causavam as perguntas: Para quê? E depois? As respostas o levavam às mesmas perguntas. Assim, o autor relata que sente como se a vida tivesse parado por falta de sentido e a ideia de suicídio lhe surge naturalmente como antes eram os pensamentos de aperfeiçoamento da vida.

Diante dos reiterados pensamentos suicidas, Liev Tolstói teve que usar de astúcia para se desvencilhar da ideia que descreve como “sedutora” (p. 36). Como solução, procurou nos saberes respostas para suas perguntas sobre o sentido da vida, mas assim como acontecia com todos os que buscam naquela via tais repostas, nada encontrou. As pessoas do círculo que transitava propunham quatro saídas para tal situação: 1) a ignorância: “não entender que a vida é crueldade e absurdo”; 2) a epicurista: “delicie-se com a vida”; 3) a da força e da energia: “compreendido que a vida é crueldade e absurdo, aniquilar a vida”; 4) a fraqueza: “sabem que morrer é melhor que viver, mas parecem ficar esperando algo”. É nesse último grupo que Tolstói se inclui. Diante dessas possibilidades e do desespero, questiona se haveria algo que ele mesmo ainda não soubesse.

Diante da indagação pelo desconhecido, Tolstói se dedica a refletir e conhecer a vida da “massa de pessoas simples” e percebe algo diferente. Considera que o saber racional não oferece o sentido da vida, mas o exclui, enquanto a massa simples concebe o sentido no saber irracional construído pela fé. Nesse percurso, relata ter estudado “o budismo e o islã nos livros e o cristianismo nos livros e nas pessoas vivas que o rodeavam” (p. 84). A vida dos cristãos de seu círculo apresentava um discurso cristão que destoava de suas condutas cotidianas. A vida das pessoas simples confirmava o sentido da vida, a partir de uma fé que considerou verdadeira, e por essas pessoas se “apaixonou” (p.89). Na obra *Ressureição* (1899), Liev Tolstói parece adotar o georgismo, teoria econômica formulada pelo economista norte-americano Henry George na obra *Progress and Poverty*, de 1879. Henry George propõe caminhos para reduzir as desigualdades sociais decorrentes do desenvolvimento econômico.

Liev Tolstói nos descreve o que se torna para ele a busca de Deus, que decorria não de seu pensamento, mas de seu coração, pois sentia que somente vivia quando acreditava em Deus. Inicialmente esse retorno de Liev Tolstói foi amparado pela tradição da Igreja, como um rumo. Mas, começou a perceber que a junção do amor resulta em amor supremo e não em uma verdade teológica. Nesse percurso, conversa com um mujique (camponês humilde) analfabeto sobre salvação, fé e vida e o sentido da fé se revela para Liev Tolstói. Situação que se estende ao ler o *Tchéti-Míniei* com o relato da vida dos mártires e santos do calendário da Igreja Ortodoxa e *Prólogos* que igualmente relatam a vida dos santos. Em contraponto, com os crentes instruídos e seus livros, Liev Tolstói sentia que se perdia.

Além disso, a relação da Igreja Ortodoxa com os demais crentes de outras confissões era complexa, pois os demais eram considerados distante da verdade. Liev Tolstói, ao contrário, queria se tornar irmão dessas pessoas, pois acreditava que a verdade estava na unidade do amor. Buscou então conhecer a perspectiva dos sacerdotes de outras confissões; e igualmente percebeu que pensavam serem os únicos portadores da verdade, carecendo os demais de suas rezas. Desta maneira,

compreendeu que “enquanto buscava a fé e a força da vida, os sacerdotes buscavam os melhores meios de cumprir perante as pessoas, determinadas obrigações humanas” (p. 119).

Refletindo sobre “o que se faz em nome da religião se horroriza”, sobretudo acerca da guerra e das execuções, afastou-se da Igreja Ortodoxa. Voltando-se para o estudo da tradição e Escrituras Sagradas via Teologia, sabedoria que por muito tempo desprezou, busca não a mera explicação de tudo, pois sabe que essa “explicação se esconde no infinito com princípio de tudo”, mas se dedica a leituras que outrora ignorou. Como fruto, escreveu o livro *Investigação da teologia dogmática*.

No final da obra, Liev Tolstói descreve um sonho de 1882 em que está suspenso à beira do abismo e ouve uma voz que diz: “Aqui está ele!” e então se tranquiliza, está apoiado e estável. Há uma coluna na cabeceira, que exprime firmeza e que não permite nenhuma dúvida, apesar de não está apoiada em nada. Então, relata que vê alguém que diz: “olhe bem, lembre-se.” Liev Tolstói afirma na obra que a fé emana de um princípio misterioso que é Deus, num sentido que a morte não destrói.

Uma confissão é uma obra certamente relevante para a área de Ciências da Religião e Teologia: nela o autor pondera sobre o sentido da vida, sobre questões existenciais, sobre a tradição e a Igreja, sobre o reconhecimento da Teologia como útil. Além disso, percebemos na obra o esforço em prol do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, embora não com esses nomes, sendo considerados pelo autor como preciosos. Nessa esteira, tece considerações sobre a pretensão de as tradições religiosas se julgarem detentoras da verdade única, o que desafia o amor que promove unidade. A fé e o sentido da vida, apresentadas como experiência dos pobres, trazem esperança para Liev Tolstói, que faz sua escolha pelas “massas de pessoas simples” e se afasta do convívio com o círculo adornado pela riqueza, erudição e privilégios do qual outrora participava – escolha que julgamos ser fruto de autêntica compreensão do evangelho de Jesus.

Por fim, Liev Tolstói apresenta a compreensão da fé no mistério de Deus, como pista para o sentido da vida. Se o autor encontrou uma resposta definitiva não podemos afirmar, especialmente porque o questionamento e a reflexão constituem traço característico de sua obra. Liev Tolstói não se suicidou. E por que não se suicidou? Talvez por ter encontrado na fé das pessoas simples, o caminho que indica o sentido da vida pela “força da vida” (p. 119).